



Equipes Notre-Dame

2^{ème} Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
2nd International Gathering of Regional Couples
2º Encuentro Internacional de Responsables Regionales
2º Encontro Internacional dos Responsáveis Regionais
2º Incontro Internazionale dei Responsabili Regionali
Roma, 24-29 Janvier/January/Enero/Janeiro/Gennaio 2009

HISTÓRIA E ORIENTAÇÕES DO MOVIMENTO NOS ÚLTIMOS ANOS

Alberto e Constanza ALVARADO
Roma, 26 Janeiro 2009

INTRODUÇÃO

Queremos agradecer à EQUIPA RESPONSÁVEL INTERNACIONAL — ERI — e aos seus responsáveis, a Maria Carla e Carlo VOLPINI, a confiança que depositaram em nós para a realização deste modesto trabalho, através do qual pretendemos identificar o fio condutor do desenvolvimento da história do nosso Movimento à luz dos “sinais dos tempos”, observando a evolução do casal humano no seguimento das últimas orientações dadas nos Encontros Internacionais como resposta às suas necessidades. Além disso, baseámo-nos em outros documentos e acontecimentos internos e externos ao Movimento que, pela sua especial importância, mereceram ser tidos em conta.

Temos consciência da transcendência deste Encontro de Responsáveis Regionais do mundo que se reúnem para reflectir sobre a situação actual do Movimento, constituindo o produto das suas reflexões matéria-prima da maior importância para a elaboração das “orientações” que o COLÉGIO/ERI apresentará no próximo Encontro Internacional como bússola que guiará o seu desenvolvimento no futuro imediato.

A nossa forma de trabalho, aprendida e adoptada depois de muitos anos de exercício da responsabilidade nas ENS, é um tanto ou quanto particular: Antes de mais, pusemos todo o trabalho nas mãos do Senhor, pois temos plena consciência da sua afirmação: “*Sem Mim, nada podeis fazer*” (Jo 15,5). A seguir, pela minha formação profissional, encarreguei-me da revisão, do estudo e da análise da abundante documentação que as Equipas possuem. Neste ponto, temos que agradecer a Brigitte DENEY a sua incondicional e eficaz colaboração para nos fazer chegar de forma rápida, por correio electrónico, todos os documentos necessários. Fomos sistematicamente partilhando os avanços e as descobertas. Ao longo deste estudo, surgiram ideias tanto da Constanza como minhas, que também discutimos uma a uma; postas as ideias em ordem e definido de comum acordo o esquema da conferência, foi-nos necessário isolar-nos durante um longo fim-de-semana para fazermos a redacção que de novo devíamos ter discutido à medida que ia avançando. Mas este último passo viu-se abruptamente interrompido pelo imprevisto e grave percalço na saúde da Constanza, de que alguns de vocês tiveram conhecimento. No entanto, a infinita misericórdia de Deus permitiu-nos que, antes de o texto ser editado, a Constanza tivesse tido tempo para fazer algumas modificações.

Para entrar no tema, devemos referir que, embora a nossa investigação se centre na segunda metade da história do nosso Movimento, tivemos que remontar às origens e ao que se passou na primeira metade da sua vida, isto é, de 1939¹ até 1970, ano em que se realizou o importantíssimo encontro das ENS em Roma. Pareceu-nos que esta data marca um limite claro e definido entre

¹ A primeira Acta do Movimento tem a data de 25 de Fevereiro de 1939.

os dois períodos em que se pode dividir a história do Movimento, ou seja, num “antes” e num “depois” de Roma 1970. Por um lado, Paulo VI, como seu famoso discurso pronunciado na Basílica de S. Pedro, ratifica e avaliza tudo o que até àquele momento se descobriu e se realizou. Por outro lado, o Padre Caffarel, no dia seguinte, na Basílica de S. Paulo, lança as ENS num novo caminho de procura da vontade de Deus sobre a sua missão.

Assim, referir-nos-emos de forma breve ao primeiro período que, além do mais, está muito bem estudado, em particular por Jean e Annick Allemand, membros das ENS e pessoas muito próximas do Pe. Henri Caffarel, para cuja obra vos remetemos². A seguir, entraremos na análise do segundo período, tema central do nosso trabalho, para terminarmos com algumas ideias nossas que, com todo o respeito, vos sugerimos com pistas de reflexão.

I. PRIMEIRO PERÍODO — 1939-1970: VIDA PARA DENTRO (CASAL E EQUIPA)

Para se perceber a evolução do pensamento das Equipas de Nossa Senhora, é necessário, antes de mais, fazer uma observação fundamental: o seu carisma, os seus objectivos, a sua pedagogia, a sua missão... foram-se construindo a pouco e pouco; contudo, alguns elementos ainda continuam em processo de construção, porque a vida do Movimento desde o seu início até agora tem sido um processo de elaboração dinâmico e progressivo.

Assim, a essência da investigação sobre a história do Movimento consiste em procurar, ao longo da evolução do constructo humano, os sinais do Espírito, que é o verdadeiro e autêntico arquitecto desta maravilhosa obra das EQUIPAS DE NOSSA SENHORA. Da mesma forma, vocês, actuais construtores, devem pôr-se nas mãos do mesmo Espírito para interpretar os seus desígnios em total acordo com a compreensão das necessidades dos casais e a interpretação dos “sinais dos tempos”.

Como decorreu esse primeiro período do nosso Movimento? Para responder a esta pergunta, nada melhor que recorrer a um casal testemunha da época, Louis e Marie D'AMONVILLE, que, numa conferência proferida em Massabièlle³ em Dezembro de 2007, por ocasião dos 60 anos da Carta Fundadora, nos diziam o seguinte sobre este primeiro período⁴:

Primeira etapa, a elaboração, de 1938 a 1947

«Ao longo desta etapa, definiram-se os elementos fundamentais que constituiriam a especificidade do Movimento: casais unidos pelo sacramento do matrimónio, assistidos por um padre (o casamento dos dois sacramentos), reunidos numa equipa com uma regra estabelecida no ano de 1947, num movimento de espiritualidade, fiel ao magistério da Igreja... A pouco e pouco, ir-se-iam definindo os elementos essenciais que mais tarde constituíram a chamada “espiritualidade conjugal”».

Segunda etapa, o amadurecimento, de 1947 a 1959

«O caminho estava traçado claramente . Embora algumas equipas, pouco numerosas, tenham preferido abandonar o Movimento, a grande maioria aceitou a Carta com confiança. Isto permitiu que as Equipas de Nossa Senhora se desenvolvessem muito rapidamente na unidade, impelidas pela alegria e pelo dinamismo de numerosos casais jovens, que muito depressa as fizeram atravessar fronteiras e encontrar rapidamente o seu lugar dentro da Igreja, lugar que o papa João XXIII reconhecera oficialmente em 1959».

² ALLEMAND, Jean et Annick. Les Equipes Notre-Dame – Essor et mission des couples chrétiens. Imprimerie Hérissé, Evreux, 1988.

³ D'AMONVILLE, Louis et Marie. Conferência de 8 Dezembro 2007 em Massabièlle, França.

⁴ Para mais informações sobre estas etapas, remetemos o leitor para a Conferência do Pe. Caffarel: “Vocação e Itinerário das Equipas”. Roma (1959).

Terceira etapa, de 1959 a 1970

«...E onde se encontravam os casais com 10 ou mais anos de vida de equipa? Foi por ocasião da peregrinação a Roma em 1959 que o Pe. Caffarel formulou a pergunta: “Serão as nossas equipas um movimento de iniciação à vida cristã através do matrimónio ou um movimento de aperfeiçoamento?”. E logo concluiu: “A minha convicção é firme: as nossas equipas devem ser, ao mesmo tempo, movimento de iniciação e movimento de aperfeiçoamento...”».

Quarta etapa de 1970 a 1973

«Por ocasião do encontro de Roma de 1970, o próprio Pe. Caffarel fez o balanço dos primeiros 30 anos. Evocou o que considerou poder creditar ao Movimento como positivo e referiu as duas deficiências que percebia naquele momento:

- Certas dissensões no seio das equipas a propósito das posições opostas relativamente à orientação do Movimento e também face à Igreja (como resultado da Encíclica *Humanae Vitae*).
- A anemia espiritual num significativo número de casais: a sua vida espiritual girava em torno do esforço moral, mas faltava-lhes um esforço teológico vigoroso.

Nestas condições, decidiu proclamar três novas orientações: a Oração, a Palavra de Deus e a ascese cristã, sendo as três inseparáveis umas das outras. A “ascese”, muitas vezes mal entendida, era essencial para o Pe. Caffarel, que a definia como “a imitação de Cristo na vida quotidiana...” (com todo o esforço e toda a abnegação que implica)».

Até aqui, tivemos excertos da narração de Louis e Marie d’Amonville, que foram os sucessores imediatos na direcção do Movimento a partir da saída do Pe. Caffarel em 1973.

Recapitulando, neste primeiro período do Movimento (1939-1970), o esforço é feito para “dentro”, girando em torno da vida do casal e da equipa. Descobre-se o Carisma das ENS: A *Espiritualidade Conjugal*; fixa-se o objectivo final: a *santidade* do casal através das graças do sacramento do matrimónio com o contributo da equipa e com a ajuda do Movimento que privilegia a oração, a escuta da Palavra de Deus e a ascese cristã, como os três meios principais para atingir o objectivo final; estimulam-se os membros das equipas a difundir essa espiritualidade, o que se transformou em preocupação com o “testemunho” colectivo.

Sendo o Pe. Caffarel um homem com uma intensa vida de união a Deus e certamente a caminho da santidade, como todos esperamos que muito em breve seja oficialmente ratificado pela Igreja, é evidente que tenha concebido algo semelhante para os casais que procuravam uma intensa vida de união a Deus, não individualmente mas através das graças do sacramento do matrimónio.

II. SEGUNDO PERÍODO — 1970-2009: VIDA PARA FORA (A NÍVEL DO CASAL)

A sua origem remonta ao encontro de Roma, em Setembro de 1970. Digamos que este encontro constituiu um marco histórico para as ENS, em resultado do famoso discurso de Paulo VI, no qual o Papa afiançava tudo o que o Pe. Caffarel tinha feito e escrito. A este respeito, Jean Allemann comenta: «O discurso de Paulo VI foi um acontecimento [...]. O Papa recolheu e assumiu toda a investigação de *L’Anneau d’Or* e das Equipas de Nossa Senhora...»⁵. Todos os que lá estiveram certamente se recordam da alegria do Pe. Caffarel depois daquele discurso, que para ele foi a sua consagração.

Mas, se o discurso do Papa foi muito importante para o Pe. Caffarel e para as Equipas, não foi menos importante o discurso proferido por ele mesmo, no dia seguinte, na Basílica de S. Paulo. Este discurso abriu um novo período para o Movimento, tal como o próprio Pe. Caffarel expressou, três anos depois, no momento em que se retirou do Movimento:

⁵ ALLEMAND, Jean. Henri Caffarel — Um homem cativado por Deus. Lucerna 2007, p. 165.

«Já não tenho a menor dúvida de que as Equipas entram numa nova fase da sua história. A viragem iniciou-se durante a nossa grande peregrinação a Roma em 1970. E digo bem, “iniciou-se”. É preciso um grande esforço de oração, de reflexão e de transformação, juntamente com uma vontade férrea para descobrir a vontade de Deus a respeito do Movimento e da sua missão, na fidelidade à graça das origens e na compreensão dos sinais dos tempos»⁶.

Nesse momento, pois, inicia-se a preocupação de descobrir a vontade de Deus sobre a “missão” do Movimento dentro da Igreja e no mundo.

Ao longo da evolução do Movimento, foram-se apresentando diferenças significativas entre conceitos como “testemunho”, “apostolado” e “missão”. Enquanto os dois primeiros eram referidos desde o princípio, o conceito de missão só é introduzido, como já foi dito, a partir de 1970.

Assim, na Carta Fundadora há uma nota que diz que se usa o termo “testemunho” e não “apostolado”, porque a maioria dos casais que entraram no Movimento já estão activamente empenhados em várias acções apostólicas (“apostolados”) através de outras tantas organizações da Igreja, e os que não estavam não tardariam a fazê-lo⁷. Esta observação indica claramente quais eram os sinais dos tempos na época do nascimento das ENS.

Por isso, a resposta do Movimento consistiu em proporcionar aos casais que nele entravam “formação na vida espiritual” para que «dessa forma, o amor fraterno, ultrapassando a entreajuda, se transformasse em “testemunho”»⁸, várias vezes proclamado pelo Pe. Caffarel⁹.

O conceito de “**missão**” é mais amplo: «*Uma missão é uma vocação, um chamamento, ou seja, um envio*», diria mais tarde o Pe. Tandonnet, imediato sucessor do Pe. Caffarel, e acrescentava: «Somos um movimento de espiritualidade conjugal e, por esse motivo, é indo até às últimas consequências desta **vocação** que contribuiremos para a evangelização de nós próprios e do mundo»¹⁰ (os negros são nossos).

Assim, como no primeiro período foi possível identificar etapas de evolução, neste segundo período, faremos a mesma tentativa, calculando que estas estejam estreitamente ligadas aos encontros Internacionais que têm lugar de seis em seis anos, a partir de 1970, e às “orientações” neles dadas.

Primeira etapa: 1970-1979

O discurso do Pe. Caffarel “Face ao ateísmo”, proferido a 5 de Maio de 1970, durante o Encontro de Roma, constituiu uma primeira reflexão sobre a necessidade da “missão”:

«O que é necessário para as pessoas e para os casais, dizia, é-o também para as instituições. Estas devem também reflectir sobre a sua “vocação”, a fim de saberem o que é necessário corrigir ou renovar. [...] A sua vocação deve ser definida não só em relação às necessidades dos casais mas também em função das grandes exigências do mundo contemporâneo»¹¹.

⁶ «À DIEU», Último editorial do Pe. Caffarel (1973), em: Jean et Annick Allemand. *Op. cit.*, p. 162.

⁷ Cr. ENS. *Carta Fundadora*, em: ALLEMAND, Jean e Annick. *Op. cit.*, p.38.

⁸ *Ibid.*, II – Testemunho.

⁹ «Se as Equipas de Nossa Senhora não forem um viveiro de homens e de mulheres prontos a assumir corajosamente todas as suas responsabilidades na Igreja e na cidade, perdem a sua razão de ser». Pe. Caffarel. Citado em: *Gui das Equipas de Nossa Senhora*. 2001. XI-2, p. 51.

¹⁰ Roger Tandonnet. “Evangelização no mundo de hoje”. Conferência proferida no Encontro de Roma em Setembro de 1976 (transcrição), pp. 7, 8 e 10.

¹¹ Henri Caffarel. “Face ao ateísmo”, em Jean e Annick Allemand. *Op. cit.*, pp. 135-136.

Vale a pena referir aqui que os sinais dos tempos naquele momento eram marcados pelo “ateísmo”; os da nossa época actual não são muito diferentes. Hoje deveríamos falar antes de “indiferença”, de “rejeição” e mesmo de “ataque”, que, no fim de tudo, são outras manifestações do mesmo ateísmo. Assim fala S.S. Bento XVI:

«Hoje temos também a ideologia do sucesso, do bem-estar, que nos diz: Deus não passa de uma ficção, só nos faz perder tempo e tirar-nos a alegria de viver. Não te preocupes com Ele! Procura por ti mesmo agarrar a vida o mais que puderes»¹².

No Encontro Internacional seguinte, em Roma em 1976, foi de novo o Pe. Tandonnet que, em nome da Equipa Directora, teve a seu cargo a definição da “missão” do Movimento:

«A evangelização não se pode reduzir unicamente ao exemplo, dizia. Vós pertenceis a um movimento que levou a sério a preocupação de evangelizar... ao entrardes nas Equipas de Nossa Senhora, não satisfizestes apenas o desejo de aperfeiçoar a vossa vida conjugal pessoal: sabíeis, e depressa o verificastes, que as Equipas querem estar abertas ao mundo e aos outros»¹³.

E acrescentava que o Movimento optou pelos meios simples e pela diversidade de objectivos pessoais de acção para formar «agentes de evangelização polivalentes»¹⁴.

Foi esta posição que ficou consagrada na conclusão do *Complemento à Carta Fundadora*, publicado em 1976, onde se identificam “testemunho” e “apostolado”:

«As Equipas de Nossa Senhora são um movimento de espiritualidade conjugal e propõem aos seus membros uma vida de equipa e meios concretos de esforço para os ajudar a progredir, em casal e em família, no amor a Deus e ao próximo. Deste modo, prepara-os para o testemunho, cuja forma compete a cada casal escolher, pois, embora não sendo um movimento de acção, as Equipas de Nossa Senhora são um Movimento de cristãos activos»¹⁵.

Segunda etapa: 1980-1994

A segunda etapa deste período corresponde à década de 80 e aos primeiros cinco anos dos anos 90, e chega ao seu clímax no encontro de Lourdes de 1988, onde se proclamou como orientação geral do Movimento o chamado *Segundo Fôlego*, que «faz um discernimento sobre a situação do Movimento, da Igreja e do mundo depois de 40 anos de existência das Equipas e reconhece o desejo de uma renovação a todos os níveis»¹⁶.

De forma particular, faz referência ao “terceiro aspecto” (do carisma fundador não desenvolvido em profundidade), que radica na importância da “missão” das ENS na Igreja como movimento de casais; (que) que foi, na sua origem, uma pequena revolução e continua a ser ainda um contributo novo ao declarar: «As Equipas têm um objectivo específico directo: ajudar os casais a viverem plenamente o seu sacramento do matrimónio. Têm, simultaneamente, um objectivo missionário: anunciar ao mundo, pela palavra e pelo testemunho de vida, os valores do matrimónio cristão»¹⁷.

E acrescenta: «As Equipas, enquanto tal, não se comprometem numa acção de conjunto determinada, porque cada casal deve descobrir o apelo ao qual o Senhor deseja que ele

¹² Joseph Ratzinger (Bento XVI). *Jesus de Nazaré*. A Esfera dos Livros, p. 217.

¹³ Roger Tandonnet, *Op. cit.*, pp. 8 e 11.

¹⁴ *Ibid.*, p. 11.

¹⁵ ENS. *Complemento à Carta Fundadora*. Conclusão. Em: Jean et Annik Allemand. *Op. cit.*, p. 173.

¹⁶ GÓMEZ-FERRER, ÁLVARO E MERCEDES. “Vocação e missão das ENS hoje”. Discurso pronunciado no Encontro de Fátima–1974, p. 7.

¹⁷ ENS. *O Segundo Fôlego*, nº 4.

responda. *Esta liberdade fecunda de compromissos não deve fazer-nos esquecer que o Movimento tem um carisma próprio e que não pode furtar-se aos seus semelhantes*»¹⁸.

A seguir, refere alguns campos de acção da pastoral familiar onde há maior urgência: «*Acompanhar as Equipas de Jovens de Nossa Senhora; b) preparar os noivos para o matrimónio cristão; c) caminhar com jovens casais que celebraram o matrimónio; d) ajudar os casais com dificuldades e os divorciados recasados; e) ter a preocupação dos jovens que coabitam*»¹⁹.

Este documento esclarece e precisa o sentido da “missão” das ENS, mantendo o princípio segundo o qual são os casais que devem comprometer-se nos diferentes campos de acção (“apostolados”), enquanto o Movimento, como organização, deve ficar à margem, excepto no que diz respeito à orientação e à formação dos casais para o exercício pleno dos seus diversos apostolados.

Quatro anos depois, no Encontro Internacional de Fátima (1994), volta-se a insistir no “Carisma, vocação, missão e compromisso” dos membros das Equipas. De novo, os Responsáveis Internacionais da altura, Mercedes e Álvaro Gómez-Ferrer, procuram esclarecer esta tensão entre compromisso institucional e compromisso pessoal, acentuando que “ter uma missão” é algo mais abrangente do que ter um compromisso. Ao nível do Movimento, implica orientar os compromissos dos casais que hoje devem estar presentes. Mas lembram que «*O nosso Movimento tem ainda por cumprir a parte mais importante da sua missão*»²⁰.

Para concluir, interrogam-se: «*Quais são os apelos que decorrem da nossa missão?*». E respondem: «*Vamos apresentá-los tal como os entendemos: a) sermos cada vez mais “casais”; b) sermos casais fecundos; c) sermos casais responsáveis; d) sermos parábolas de comunhão*»²¹.

A orientação dada esse ano — “Convidados para as bodas de Caná” — convida os membros das Equipas a permanecerem à escuta do Senhor, que lhes pede que estejam atentos aos mais pobres.

Assim, o esclarecimento da tensão entre compromisso institucional e pessoal ou de casal, apoiado na definição que o Pe. Tandonnet²² fizera anos antes, vem no sentido de que o Movimento como instituição tem uma “missão” que lhe é própria e deriva do seu “carisma” que é uma “vocação”, um “apelo”, que lhe são implícitos, ao passo que a pessoa ou o casal, como membro do Movimento, deve dar “testemunho” que se concretiza no “exemplo de vida”, na “palavra” e no “compromisso” numa acção específica ou “apostolado”. Contudo, as Equipas, como instituição, não se comprometem numa acção conjunta determinada. Além disso, está por cumprir a parte mais importante da missão das ENS.

Terceira etapa: 1995-2006

A terceira etapa corresponde à última década da história do Movimento. Compreende os dois últimos Encontros Internacionais: Santiago 2000 e Lourdes 2006.

Curiosamente, do ponto de vista humano, mas providencialmente do ponto de vista do Espírito que sempre tem guiado o Movimento, estes últimos Encontros Internacionais centraram-se nos aspectos, ou mais precisamente, nos “apelos” anunciados em Fátima: «*Sermos cada vez mais “casais”; sermos casais fecundos; sermos casais responsáveis e sermos parábolas de comunhão (comunidades de fé)*»²³. E isto afirmamos nós que vivemos, como membros da ERI, todo o processo de elaboração das orientações correspondentes. Em momento algum se pensou que

¹⁸ *Ibid.*, nº 4.2.

¹⁹ *Ibid.*

²⁰ GÓMEZ-FERRER, Álvaro e Mercedes. “Vocação e Missão das Equipas de Nossa Senhora Hoje”. Conferência proferida no encontro Internacional de Fátima. 1994.

²¹ GÓMEZ-FERRER, Álvaro e Mercedes. *Op. cit.*

²² Ver nota 10.

²³ Ver nota anterior.

eram aprofundamento do que tinha sido apresentado em Fátima (1944). Só agora, com um olhar retrospectivo e para fora, reconhecemos nelas a inspiração do Espírito Santo.

“**Ser casal hoje na Igreja e no mundo**” foi a orientação dada em Santiago 2000, e aprofundou os três primeiros apelos. “Ser casal” nesta era dominada pelo individualismo é uma visão profética que resgata o valor dado por Deus à sua obra predilecta. Não foi em vão que por um casal o ser humano entrou no mundo e povoou a terra. E, se esse casal foi infiel ao seu Criador, não foi por acidente que outro casal aceitou voluntariamente ser os pais do Redentor da humanidade. O mundo de hoje encontrará de novo o seu Pai Deus quando nós, casais cristãos, impelidos pelo Espírito, reconhecermos o infinito amor de Deus por nós e, em resposta a este amor fecundo e responsável, nos comprometermos a ser diante do mundo testemunhas de que o matrimónio está ao serviço do amor ao mesmo tempo que é caminho de felicidade e de santidade.

Assim o declaram oficialmente Igar e Cidinha FEHR, no seu discurso de despedida no Encontro de Santiago:

«O homem e a mulher são complementares, tanto no seu corpo como no seu psíquico. Definem-se, no seu princípio, por referência a Deus: um e outro são feitos à imagem de Deus. No entanto, os dois juntos, na sua união e na sua unidade de amor, são também imagem de Deus: um existe para o outro e um define-se em relação ao outro. [...] Deus criou-nos homem e mulher para nos amarmos, para nos entreajudarmos a crescer e a caminhar rumo à santidade»²⁴.

Finalmente, a orientação do último encontro Internacional de Lourdes (2006) centrou-se no sentido de comunidade: “**ENS, comunidades vivas de casais, reflexo do amor de Deus**”.

«A orientação geral, “Que vos ameis uns aos outros assim como eu vos amei” (Jo 13,34), apoia-se em três ideias: 1. Equipa, comunidade de Igreja; 2. Equipas de Nossa Senhora ao serviço; 3. Equipas de Nossa Senhora acolhedoras para os casais de hoje»²⁵.

O sentido de comunidade de fé, há que recordá-lo, foi considerado pela primeira vez no *Complemento à Carta Fundadora* (1976), retomando as reflexões do Concílio Vaticano II. Volta a tornar-se explícito, como já dissemos, em Fátima 1974 — ser parábolas de comunhão — para ser retomado em Lourdes 2006, por sugestão dos Responsáveis Regionais do mundo reunidos em Roma, em Janeiro de 2003.

Definíamos assim a comunidade de fé na nossa conferência em Lourdes²⁶:

«É a comunidade que integra pessoas baptizadas que procuram a vontade de Deus, cujas relações pessoais são guiadas pelo amor que Cristo nos ensinou, que estão atentas à Palavra de Deus e que são fortalecidas pelo Espírito Santo e prontas a servir os outros».

Acrescentávamos que «a comunidade de fé sente “compaixão” pelo outro, entrega-se ao outro, compromete-se com o outro segundo a imagem do Bom Samaritano. A comunidade de fé não tem sentido se ficar fechada em si mesma. A sua essência é o “compromisso” com o mundo, porque Jesus, no seu amor, deu a vida pelo mundo inteiro e não apenas por um povo determinado».

²⁴ FEHR, Igar e Cidinha, “Ser casal hoje na Igreja e no mundo”. Conferência de despedida. Santiago de Compostela, Setembro de 2000.

²⁵ ENS. Carta de Lourdes da Equipa Responsável aos Equipistas do Mundo Inteiro. Lourdes, 18 de Setembro de 2006.

²⁶ ALVARADO, Alberto y Constanza. “Equipas de Nossa Senhora, Comunidades Vivas de Casais”. Conferência proferida no Encontro Internacional de Lourdes, 2006.

E concluíamos que a estratégia deveria ser a mesma que os primeiros cristãos adoptaram: *«inserir-nos nos lares e nas famílias a fim de impregnar a cultura, a partir da base, com os valores evangélicos»*.

A orientação convida-nos, pois, a recuperar o sentido profundo das equipas de base como autênticas comunidades de fé, à semelhança das primeiras comunidades cristãs, e do Movimento como comunidade de comunidades de fé, à imagem da Igreja Universal. Além do mais, levanta-nos um desafio decisivo:

«Devemos tomar todas as iniciativas necessárias para ajudar os equipistas e o Movimento a porem-se à escuta das necessidades do nosso tempo, a aprenderem a comunicar e a dialogar acerca da espiritualidade conjugal e familiar tal como ela é vivida pelas Equipas de Nossa Senhora e de forma adaptada a este início do séc. XXI. Ter os olhos e os ouvidos abertos a tudo o que se passa no mundo, estar atentos àquilo a que algumas pessoas chamam “a profecia do mundo”, receptivos o que vem de Deus a fim de receber e de valorizar o que é bom»²⁷.

Recapitulando, embora neste segundo período o esforço se encaminhe para fora, este continua centrado nos membros das Equipas. As ENS preocupam-se em enviar os seus membros a realizar a sua missão dentro do próprio Movimento, na Igreja e no mundo. Já não é tão óbvio que os casais que entram para o Movimento estejam comprometidos em diversos apostolados dentro da Igreja. Os sinais dos tempos mudaram a este respeito: agora há que começar a partir da base, ou seja, formando os casais nos fundamentos da religião e levando-os progressivamente a assumirem o seu compromisso baptismal como pessoas, como casais e como comunidades de fé, para serem “testemunhas” do Evangelho em todos os cantos do mundo.

III. RUMO A UM NOVO PERÍODO (VIDA PARA FORA A NÍVEL DO MOVIMENTO)

Chegados a esta terceira parte da nossa exposição, muitos de vocês ter-se-ão perguntado: Por que não se fez alusão à conferência proferida pelo Pe. Caffarel em Chantilly, em 1983?

A razão é simples: trata-se de um documento profético, próprio do seu autor que, por acaso, foi chamado “profeta do nosso tempo” pelo Cardeal Lustiger — que descanse em paz. Por isso, exige ser tratado de forma particular, e consideramos que este não é o momento apropriado para o fazer.

Este documento — profético, repetimos — que trata do “**Carisma Fundados das Equipas de Nossa Senhora**”²⁸, situa-se um pouco para além da metade do percurso histórico do Movimento; faz um olhar retrospectivo e crítico sobre a vida do Movimento, a partir de fora do mesmo (o Pe. Caffarel tinha deixado as Equipas 10 anos antes); apresenta, em nossa opinião, uma quántupla visão profética relacionada com o Carisma Fundador. Formula ainda uma metodologia para tentar procurar a permanente adaptação do Movimento aos sinais dos tempos.

Nesta última perspectiva, tenta procurar um “*aggiornamento*”, isto é, uma renovação, uma actualização, um renascimento a partir da reflexão e da abordagem das necessidades de quem pertence à Organização, com vista a responder melhor às exigências do tempo actual e do futuro. Para isso, levanta três questões:

- *«O que foi bem visto, bem compreendido e bem assimilado do Carisma Fundador*
- *O que foi menos bem visto*
- *O que não podia ter sido visto então e se compreende melhor na conjuntura actual?»*

²⁷ ERI, Carta de Lourdes da Equipa Responsável aos membros das Equipas do mundo. Lourdes, 18 de setembro de 2006, p. 3.

²⁸ CAFFAREL, Henri. “O Carisma Fundador”. Conferência proferida em Chantilly, a 3 de Maio de 1983. As citações que se seguem são deste documento.

Como, por razões de extensão e de tempo, não é possível aqui analisar todo o documento, limitá-nos-emos à análise das partes directamente relacionadas com tema exposto. No entanto, recomendamos o estudo pormenorizado deste documento importante, mas, acima de tudo, profético. Começamos com a definição do carisma fundador, tal como o Pe. Caffarel o definiu:

É uma inspiração do Espírito Santo, que será como um dinamismo a conduzir a instituição durante todo o seu desenvolvimento e lhe permitirá cumprir a sua missão»²⁹.

Trata-se não de uma inspiração puramente humana mas de uma inspiração divina que deve permanecer como base firme em que assenta o desenvolvimento progressivo e a procura constante da vontade de Deus com vista a cumprir a sua missão.

«No começo não se suspeitava qual seria o futuro, afirmava o Pe. Caffarel. Não se dizia: “O Espírito Santo levou-me a fazer isto”. É só hoje, após 40 anos, diante do desenvolvimento das ENS, que eu penso: em 1939, com os quatro primeiros casais, houve alguma coisa que não era apenas uma boa ideia; alguma coisa mais do que um simples entusiasmo; aquele encontro não foi um encontro fortuito; a Providência e o Espírito Santo estavam ali por alguma razão»³⁰.

Veamos, sinteticamente, de entre as respostas às três questões, as que consideramos mais pertinentes para o tema central da nossa reflexão:

a. O que foi bem compreendido do Carisma Fundador

Resume em seis pontos o que se descobriu no primeiro período do Movimento, a que nos referimos na primeira parte da nossa conferência, mas acrescenta um elemento adicional:

«Não se pode viver isso senão com a ajuda de um Movimento, que oriente os pensamentos e enquadre a vida»³¹.

b. O que não foi suficientemente bem compreendido

Refere três elementos, dos quais sublinhamos o

«Terceiro: a missão das ENS. Porque as ENS têm uma vocação: a sua vocação é ajudar os casais a santificarem-se. Mas têm também uma missão na Igreja. É necessário ter sempre presente estes dois aspectos: vocação e missão»³².

A seguir, refere cinco “revoluções” promovidas pelas ENS no seio da Igreja, como resultado da sua missão. Estas “revoluções”, como ele lhes chama, devem ser hoje entendidas como verdadeiras “profecias” que têm de ser muito bem estudadas por aqueles que se ocupam da causa de beatificação do nosso Fundador. De entre elas, detemo-nos apenas na última:

«Quinta revolução profética: antes, a santidade era muitas vezes concebida como “cultivo da beleza espiritual”. Mas, quando falamos de santidade das pessoas casadas, recordamo-nos das palavras de Cristo: “a árvore será julgada pelos seus frutos”; não por sua beleza mas por seus frutos [...]. Não se trata de cultivar a nossa própria beleza, mas de participar nessa evolução da criação, que tende para um objectivo final. É uma ideia muito contemporânea esta ideia da evolução do mundo e esta necessidade de contribuir para a mesma»³³.

²⁹ *Ibid.*, p. 5.

³⁰ *Ibid.*, p. 7.

³¹ *Ibid.*, p. 13.

³² *Ibid.*, p. 17.

³³ *Ibid.*, p. 19.

Neste campo, o nosso profeta também se adiantou muitos anos às actuais ideias cristãs sobre a questão da evolução: «que, longe de se contradizer, a teoria da evolução está mais próxima do relato da criação do que outras hipóteses sobre a origem do mundo»³⁴.

O cerne da preocupação do Pe. Caffarel tem a ver com o papel que as ENS devem representar na história da humanidade em geral, e da Igreja em particular. O Movimento não pode ficar indiferente à evolução do mundo; tem o dever de contribuir para essa evolução, certamente em total acordo com a sua vocação e o seu carisma.

c. O que não foi bem compreendido

A este respeito, expressou dois pesares, ambos muito importantes à luz das nossas ideias:

«Primeiro pesar: Lamento que as ENS, nesta perspectiva da sua missão, não tenham acompanhado a caminhada dos centros de preparação para o matrimónio. Eles tiveram a sua origem nas ENS mas, muitas vezes, tornaram-se pouco cristãos. Não acho que as ENS devessem ter assumido a direcção da preparação para o matrimónio, mas que deveriam ter os seus próprios centros de preparação para o casamento, centros que servissem de ponto de referência para os outros; a partir justamente da espiritualidade que elas tinham descoberto».

«Segundo pesar: Que os conselheiros conjugais, muitos dos quais saídos das ENS, não tenham sido formados e apoiados pelas Equipas. [...] Gostaria que as ENS contassem com conselheiros conjugais que, sem nenhuma ideia de monopólio, levassem em conta a linha do carisma fundador»³⁵.

Com estes “pesares” confessados pelo nosso Fundador, entramos na parte final destas reflexões sobre a história e as orientações do nosso Movimento.

O que o Pe., Caffarel lamentava era que o Movimento, como instituição, não tivesse apoiado nem acompanhado a acções pastorais dos seus membros no cumprimento da sua missão.

Se retomamos que se tinha sugerido anos atrás (1970) — «O que é necessário para as pessoas e para os casais é-o também para as instituições» — deveríamos concluir com ele que «estas devem também reflectir sobre a sua “vocação” afim de saberem o que é necessário corrigir ou renovar. [...] A sua vocação deve ser definida não só em relação às necessidades dos casais mas também em função das grandes exigências do mundo contemporâneo»³⁶.

Quantas acções pastorais realizadas pelos membros das Equipas no cumprimento da sua missão exigiriam um decisivo apoio por parte do Movimento em aspectos como: a formação, a organização e o suporte institucional, para o pleno cumprimento da sua missão.

Se é verdade que muitas dessas acções individuais se realizam dentro das estruturas institucionais da Igreja, também é verdade que outras tantas carecem totalmente de suporte institucional, diminuindo assim a sua eficiência e a sua eficácia.

Parece-nos que este tema deva constituir um campo de reflexão muito sério por parte do Movimento, que leve a reconsiderar o que se tem vindo a tomar como inalterável, como se fosse próprio do carisma fundador: que «*embora não sendo um movimento de acção, as Equipas de Nossa Senhora são um Movimento de cristãos activos*».

³⁴ «Pensando no facto de a Bíblia nos apresentar um Deus que criou o mundo em sete dias, introduz-se a ideia de uma criação progressiva. Neste sentido, está mais próxima do que, por exemplo, as teorias dos gregos antigos, que pensavam um mundo eterno e cíclico». Monsenhor Marcelo Sánchez Sorondo, Chanceler da Academia Pontifícia para as Ciências, em declarações à Radio Vaticano. Permalink: <http://zenit.org/article-19950?|=portuguese>.

³⁵ CAFFAREL, Henri. *O Carisma Fundador*. Op. cit., p. 20.

³⁶ Ver nota 11.

Recordemos, a este propósito, a resposta categórica do Fundador a um entrevistador que lhe perguntava qual era o elemento que, se faltasse, faria perder a essência das ENS:

«A organização pode ser diferente, a pedagogia e as funções dos quadros dirigentes poderiam ser modificadas... e as Equipas de Nossa Senhora não se transformariam radicalmente; mas se a espiritualidade conjugal fosse suprimida ou substituída por outra de tipo monástico ou celibatário, isso seria o fim do Movimento»³⁷.

Portanto, a única coisa que é própria e inalterável do carisma das EQUIPAS DE NOSSA SENHORA é a **“espiritualidade conjugal”**.

Compreende-se que, no tempo do Pe. Caffarel, houvesse sérios receios de que o Movimento assumisse compromissos institucionais e tomadas de posição que o pudessem pôr em situação de confronto com a hierarquia. Este risco é inevitável e sempre se correrá! Contudo, a maturidade do Movimento e dos seus quadros directivos, protegerão as Equipas contra posições imaturas, contrárias à vontade de Deus, mas também lhes permitirão assumir posições proféticas, corajosas e necessárias, resultantes da sua própria vocação e do seu próprio carisma.

As instituições existem para apoiar, defender e tornar eficazes as suas formulações no seio da sociedade e, neste caso, da Igreja. É a elas que compete defender os seus ideais e liderar as alterações exigidas para conseguir que as suas ideias triunfem e prevaleçam. Não o fazer constitui uma grave omissão em relação à história e, neste caso, à Igreja. Por isso, a quinta revolução profética do Pe. Caffarel, a propósito da santidade (vocação das ENS), retoma neste momento histórico o seu sentido pleno: «Não se trata de cultivar a nossa própria beleza, mas de participar nessa evolução da criação, que tende para um objectivo final. É uma ideia muito contemporânea esta ideia da evolução do mundo e esta necessidade de contribuir para a mesma».

Vem aqui a propósito a afirmação de Jesus ao referir-Se ao administrador sagaz: *«Os filhos deste mundo são mais sagazes que os filhos da luz, no trato com os seus semelhantes»* (Lc 16,8). A astúcia, neste contexto, refere-se à necessidade de se ser bom administrador dos dons recebidos. Tudo o que o Movimento das Equipas de Nossa Senhora tem recebido do Espírito Santo ao longo da sua história é dom gratuito que o Movimento, enquanto instituição, tem a obrigação de administrar correcta e astutamente em benefício da nossa geração e das gerações futuras. Por isso, *«o termo movimento indica dinamismo e permanente adaptação»*, segundo o nosso Fundador.

CONCLUSÃO

A análise da história e da evolução do Movimento das EQUIPAS DE NOSSA SENHORA, com ênfase especial nos últimos anos, permitiu identificar claramente dois períodos cujo momento de inflexão se situa no ano de 1970.

No primeiro período do Movimento (1939-1970), fez-se um esforço para “dentro”, em torno da vida do casal e da equipa. Uma vez que a maioria dos casais já estava envolvida no serviço aos outros através de várias organizações da Igreja e comprometida em diversos “apostolados”, é natural que a resposta do Movimento se tenha centrado em proporcionar aos casais que nele entravam “formação na vida espiritual” para que assim pudessem dar melhor “testemunho”.

No segundo período (1970-2009), por sugestão do Fundador, os esforço faz-se para “fora” e centra-se na preocupação em descobrir a vontade de Deus relativamente à “missão” do Movimento dentro da Igreja e no mundo. No entanto, a responsabilidade da missão recai exclusivamente sobre os membros das Equipas.

³⁷ CAFFAREL, Henri. Carta mensal, Abril 1967.

Assim, aventuramo-nos a resumir o que foi descoberto até agora durante esses dois períodos da seguinte forma: Enquanto os membros das Equipas têm uma só e única vocação — a *santidade* — têm um carisma duplo: como todos os baptizados, acolher Jesus para neles implantar o Reino de Deus (“*Vem e segue-Me*”, Lc 8,22) e, como membros das Equipas, acolher Jesus em casal (“*Espiritualidade conjugal*”) para implantar o Reino de Deus nos casais. Da mesma maneira, devem assumir um compromisso duplo: como baptizados, “*Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos*” (Mt 28,19) e, como membros das Equipas, “*Anunciar ao mundo que o matrimónio está ao serviço do amor, da felicidade e da santidade*”. Como consequência disto, têm a obrigação de ser “*testemunhas*” da Boa Nova, pelo exemplo de vida, pela palavra e pelo compromisso em diversos apostolados próprios da pastoral familiar e conjugal.

Estaremos hoje perante o início de um terceiro período em que o Movimento “*reflecta sobre a sua ‘vocação’, a fim de saber o que é necessário corrigir ou renovar*”?

No novo documento da Equipa Satélite sobre a Formação nas ENS³⁸, afirma-se que os casais das ENS devem estar preparados para participar em actividades apostólicas exteriores ao Movimento. Perguntamos: de que forma suportará o Movimento esta preparação e como se considera o desenvolvimento futuro deste aspecto da formação? Isto implicaria dar mais um passo enquanto Movimento de “*iniciação*” e de “*aperfeiçoamento*”. Deveria oferecer aos seus membros um roteiro claro e preciso, para conseguir gradualmente a formação necessária face a um leque de possibilidades de acção (apostolados) com vista ao exercício da sua missão, ou seja, Movimento de “*formação para a acção*”.

Mas há mais: se a Igreja, enquanto instituição, não só envia os seus membros a dar “*testemunho*” com o exemplo, a palavra e a acção mas também os acompanha com formação, organização e apoio institucional, não deveria o Movimento das EQUIPAS DE NOSSA SENHORA fazer outro tanto com os seus membros?

Como é que o Movimento das Equipas de Nossa Senhora se pode organizar no sentido de orientar e apoiar eficaz e eficientemente os seus membros nos vários compromissos apostólicos assumidos no cumprimento da sua missão?

Estas são algumas das perguntas e inquietações que vos apresentamos. A resposta é o grande desafio que têm nas vossas mãos, queridos casais da ERI, Responsáveis Supra-Regionais, Provinciais e Regionais do mundo. Esta procura deve ser feita, aplicando a metodologia que nos deixou o nosso Fundador e profeta, tendo sempre presente estas condições: a fidelidade ao carisma do Movimento; a compreensão dos sinais dos tempos, tudo isto enquadrado na oração, a reflexão e a vontade de mudar, de adaptar ou de transformar. São estes os garantes “*para descobrir a vontade de Deus a respeito do Movimento e da sua missão, na fidelidade à graça das origens e na compreensão dos sinais dos tempos*”, como o Pe. Caffarel desejou.

Todavia, não esqueçamos que todo o esforço humano e institucional deve ser guiado pelo Espírito e posto nas mãos do Senhor Jesus Cristo, que foi peremptório ao afirmar que “*Quem permanece em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto, pois, sem Mim, nada podeis fazer*” (Jo 15,5).

Permitam-nos concluir estas reflexões com o comovente apelo com que a Maria Carla e o Carlo Volpini encerraram o último Encontro Internacional de Lourdes 2006: “*Por isso, hoje queremos pedir-vos que nos unamos todos, dando-nos as mãos e cantando juntos “Ecce, fiat magnificat”, porque só juntos é que podemos avançar e construir o futuro do nosso Movimento, só juntos é*

³⁸ «Por isso, é muito importante que todos os equipistas estejam disponíveis e bem preparados, através de uma formação adequada e permanente, para que possam ajudar os outros movimentos e em outras actividades pastorais, e assim contribuirão activamente para a dilatação do Reino de Deus». Equipa Satélite de Formação: *A formação nas ENS – Um caminho*, p. 24.

que podemos ser Equipas de Nossa Senhora, comunidades vivas de casais, reflexo do amor de Deus»³⁹.

Muito obrigado.

³⁹ VOLPINI, Carlo e Maria Carla. Celebração de encerramento do Encontro de Lourdes. Quarta-feira 21 de Setembro de 2006.